

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.^o Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.^o ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.^o 48, João F. Torres.

NUMERO 35

BRAGA

SABBADO 23 DE SETEMBRO DE 1882

O GREMIO LEGITIMISTA

A organização de um gremio legitimista em Braga é hoje um facto realzado.

Felicitemos o partido legitimista por este motivo tão auspicioso para as nossas esperanças.

Na quarta feira ultima, uma numerosa reunião encheu as salas da residencia da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Clara Dias da Costa, que generosamente as prestára para este fim.

Sob proposta do redactor principal d'esta folha, foi por aclamação dada a presidencia da sessão ao Ex.^{mo} Snr. Miguel Alpoim da Silva Souza e Menezes.

Occupada esta por tão respeitavel cavalheiro e tão digno legitimista, foram por s. ex.^a convidados para servirem de secretarios os snrs. Manoel Ignacio da Silva Braga, e Domingos José de Souza Aguiar, concedida em seguida a palavra ao Snr. Senna Freitas, como auctor da proposta de que a assemblea se occupava, este snr. começou por invocar o nome sympathico do saudoso e honrado legitimista José Maria Dias da Costa, cuja memoria n'aquella occasião não podia esquecer, pois que o proponente, como antigo redactor do *Commercio do Minho*, e como companheiro fiel do fallecido nas lides da imprensa, ha muitos annos haviam defendido a necessidade da creação de um centro legitimista n'esta provincia.

Mostrou o orador que não era nem podia ser o pensamento d'este gremio tomar a direcção da politica legitimista no Minho, pois que essa pertence exclusivamente a uma commissão que já existe legitimamente organizada a cuja auctoridade o gremio teria de ser inteiramente subordinado. Disse que os fins do gremio são simplesmente a convivencia dos legitimistas de todas as classes, o estreitamento da união, a instrucção pela leitura dos jornaes e livros de procedencia catholica e legitimista, o seu desdobramento em todas as freguezias e aldeas da provincia para propaganda e para animar o espirito legitimista; e enfim para que os legitimistas encontrem um recreio licito, e util reunidos, e sempre prestes aos mandatos superiores da direcção central do partido.

Propoz em seguida uma lista da commissão preparatoria, composta dos seguintes nomes:

Presidente—Martinho de Mello Barata Maranhão Falcão.

Vice-Presidentes—Manoel Marques da Silva Pereira, Antonio Esteves Cerqueira de Amorim.

1.^o Secretario—Joaquim Leal.

2.^o Secretario—João Ferreira Torres.

Thesoureiro—Candido Augusto Martins Pinheiro.

VOGAES

Manoel Ignacio da Silva Braga,
Francisco Marques Soares d'Azevedo,
Luiz Baptista da Silva,
Domingos José de Souza Aguiar,
Antonio José da Silva Mello,
Antonio da Silva Lisboa,
Narcizo José Lourenço Correa
João Baptista da Silva Ramos,
José Antonio Alves,
José Maria Pereira,
João Marques Soares d'Azevedo,
Venancio José da Silva Rego,
Domingos Pereira d'Azevedo,
Gaspar José da Cunha,
Domingos José Dias,
José Rodrigues Braga,
Antonio Joaquim Moreira,

A assemblea acolheu com entusiasmo esta lista, deliberando-se que a meza com-

municasse aquella eleição a algumas pessoas eleitas, que não se achavam presentes.

Propoz ainda o orador que a commissão fosse auctorizada a dividir entre si por pequenas commissões, presidida cada uma por um dos presidentes eleitos afim de se proceder aos trabalhos da instalação, como a confecção dos necessarios estatutos, e ao convite dirigido para todas as terras do Minho ás pessoas que a commissão conheça estarem no caso de pertencer ao gremio.

Por ultimo o orador propoz que fosse enviada á commissão districtal do partido uma copia da acta d'esta sessão, cujas deliberações a assemblea submeterá á sua approvação.

O snr. José Rodrigues Braga tomou a palavra para propôr que a commissão fosse auctorizada a reforçar-se com o numero de membros, que lhe fossem necessarios, no caso inesperado de algum dos ausentes se recusar a aceitar a eleição feita; o que unanimemente foi approvado.

Encerrada a sessão, em todos se manifestou o justo contentamento que este acto tão altamente significativo e porveitoso acabava de produzir no animo do partido legitimista tão dignamente representado por aquella numerosa assemblea.

Está pois dado o primeiro passo. Cabe á dedicação da commissão tão exuberantemente comprovada, levar a cabo a reunião honrosa que a confiança do partido entregou á sua reconhecida aptidão e boa vontade.

MENSAGEM DIRIGIDA AO SENHOR D. MIGUEL DE BRAGANÇA

SENHOR!

Em dia de tantos regosijos como este, se não podemos, subditos fieis, ir perante o throno de nosso Rei levar a homenagem do nosso amor, seja-nos ao menos licito de dentro dos gloriosos muros d'esta Cidade tão leal, em nosso nome e no de todos os legitimistas d'esta provincia, aqui representados, enviar a Vossa Magestade os sinceros testemunhos do nosso affecto, e as intimas expressões do nosso jubilo.

Ha quarenta e oito annos, Senhor, sobre os altares da patria, e sobre as bandeiras de nossos batalhões juraram ainda nossos paes defender a honra da nação portugueza, legitimamente representada pela corôa, que singia a fronte do mais amado dos monarchas.

O poderio estrangeiro arrancou das nossas mãos as armas dos valientes, rasgou á face da Europa atonita a bandeira da nação e atirou com este povo leal e infeliz para o meio d'uma turba faminta de vandalos e de verdugos.

Mas o sangue que nos gira nas veias é sangue portuguez. Este sangue é o mesmo que nossos paes derramaram na defesa dos direitos de Vossa Magestade o mesmo que se aquecia no ardor dos combates e no entusiasmo das victorias.

Legado de honra que temos guardado puro, com aquelle juramento que Deus sancionou em nossa alma, ao nascermos portuguezes.

Não é que um indifferente criminoso, nem uma irresolução cobarde nos haja embargado o animo em 48 annos de soffrimento e decadencia. Não é que os gemidos da patria não estimulem em cada dia todos os nossos sentimentos de brio, e nos não exijam á lealdade um esforço salvador. O partido legitimista tem assistido ás disilluções dos grupos adversarios, como a uma lição severa contra as seducções fementidas d'uma revolução desvairada.

N'este momento a viscera mais nobre e mais util da nação palpita nos desenganos profundos, que se denunciam por um sentimento de redempção.

E' pois este o ensejo em que cumpre ao partido legitimista retomar a sua attitude de vida e actividade.

Em Vossa Magestade funda a nação portugueza toda a sua esperanza para que uma epoca de paz e de união nos traga as prosperidades a que tem direito todo o povo que progride.

Possa a bandeira nacional, desenrolada sobre as torres do solar de nossos reis acobertar todos os filhos d'esta patria sobre o regimen da ordem e do direito: possa a familia portugueza ser um povo de irmãos, tendo no seu rei um defensor carinhoso e desvelado.

E quando a ampulheta dos destinos marcar mais remota ou mais proximamente o momento de vencer o magnanimo coração de Vossa Magestade terá o perdão para os erros do passado, exprimindo assim a todas as nações que nenhum outro rei é mais digno do seu povo, como nenhum outro povo e mais digno do seu Rei.

São estes, Senhor, os votos da nação, manifestados hoje na esperanza que nos afaga.

Na nova phase em que entra hoje o partido legitimista, carece elle affirmar a todos d'onde vem e para onde vá. A este dia em que os annos portuguezes marcam uma data feliz, ha-de a historia consagrar mais um glorioso capitulo.

Vossa Magestade está vinculado á nossa existencia por este amor e por esta lealdade, que é nosso justo apanagio.

Quando estes affectos poderem definir-se nos actos mais ruidosos e eloquentes, estamos certos, Senhor, de que ao desfraldar-se a bandeira das reconciliações e dos triumphos, Vossa Magestade estará ao nosso lado compartilhando da alegria dos vencedores e da gloria dos herôes.

Praza a Deus abençoar e guardar os preciosos dias de Vossa Magestade para esplendor da realza e para a felicidade dos portuguezes.

Na Braga fiel aos 19 de Setembro de 1882.

(Segue-se as assignaturas).

DISCURSO PROFERIDO

PELO SNR.

BERTARDINO SENNA FREITAS

NO

BANQUETE LEGITIMISTA

SENHORES!

As grandes causas teem em si um grande dever! Triunphar ou morrer lutando!

Em meio de uma sociedade, um partido que pára, é como um palude que de si produz sómente o miasma que envenena.

Existir um partido com a unica missão de agrilhoar a consciencia e os pulsos de um povo, não é um direito é um crime, por que é uma tyrannica violencia.

Uma idéa grande, que buscasse tal systema seria uma idéa vil!

É glorioso que um partido vença por que nos esforços do labor triumpham um principio; é necessario que um partido morra, quando se deshonra na inercia. Morre, mas triumpham as sociedades, por que ellas carecem caminhar e progredir. (Apoiados).

Esta é uma lei do destino, poderosa e imutavel como elle.

O partido legitimista portuguez, ou tem de se erguer para a victoria, ou se deixa abater para a deshonra e para a morte. (Apoiados).

É esta uma exigencia fatal da sua condição.

Mas, Senhores, não foi para que elle morresse que nossos paes nos legaram o dever de os vingarmos. Não foi para que esquecemos o seu martyrio, que nos deixaram uma herança de honra! (Muitos apoiados).

Existe no fundo de nossa alma uma ferida, que só pôde cicatrizar, quando reivin-

dicarmos a nação, e desafrontarmos os nossos brios.

Temos a vingar os golpes dos punhaes que assassinaram nossos irmãos, as violencias contra a virgindade e pudor de nossas irmãs, a dôr de nossas mães, o roubo da nossa fazenda, as lagrimas dos que expiraram á fome e á miseria no fundo das masmorras, a destruição dos nossos templos o incendio das nossas cearas, e dos nossos celeiros, (apoiados prolongados).—Temos a protestar contra a traição dos que abriram as portas da patria aos vandalos, que passaram de uma a outra de nossas fronteiras, ultrajando e derribando tudo quanto tinhamos de nobre grande e valioso, desde as nossas crenças até ás nossas afeições, desde as nossas choupanas até ao solar de nossos reis, desde as nossas leis rasgadas junto das fogueiras, até ás hostias sacrosantas, sacrilegamente espalhadas, e calcadas a pés, junto de nossos altares. (Vozes: Muito bem, muito bem).

Vingança! Vingança! Nós ouvimos este grito, como que surgindo das cinzas inertes, ainda palpitantes e mornas, dos que nos vêem d'alem do tumulo!

Vingança! Repetimos nós, medindo as forças á nossa lealdade, e os estimulos ao nosso coração!

Mas, esta vingança, Senhores, é a que é digna de um partido fidalgo.

Não é a vingança do crime pelo crime, não é a vingança da violencia pela violencia.

O partido legitimista é um partido de christãos, a sua vingança foi-lhe aconselhada pelo Redemptor da humanidade quando sobre a cruz proferio a palavra do perdão. (Apoiados e bravos calorosos).

Este perdão foi a regeneração do mundo!

O partido legitimista ha-de vingar-se triumphando, esmagando o passado com as creações do futuro. Transformando as liberdades ficticias da revolução na verdadeira liberdade, na verdadeira igualdade da lei e da justiça; restituindo a Deus o que é de Deus, ao rei o que é do rei, ao povo o que é do povo; a felicidade á patria, a paz e a moral á familia! (Vozes: muito bem, muito bem).

Lavará da nossa gloriosa bandeira a nodoa azul, essa echimose que uma horda de bandoleiros imprimio no corpo da nação, como que retalhando-a em duas metades incohesiveis e repellentes. O partido legitimista será a nação, e a nação será a patria, e a patria, de madrastra virá a ser a mãe de todos os portuguezes!

É assim que se vinga uma idéa grande!

Se outra senda houvesse de seguir, o partido legitimista, elle viria a ser tão criminoso como a revolução, e a nova era que o futuro nos promete, longe de ser de progressos e de paz, seria uma tremenda ameaça, uma nova monstruosidade de delictos e aniquilamentos. (Vozes: é verdade, é verdade).

Progredir é o destino das sociedades e não se pôde progredir retrocedendo.

É forçoso que o partido legitimista desminta com os factos as calumnias de que o cobrem, e que afastam do nosso campo muitas adhesões sinceras. (apoiados) O partido legitimista é um direito, não é uma revolução. (Muitos apoiados). O partido legitimista embora fosse o passado, deseja ser o futuro; (vivas aclamações) não pôde volver a exhumar anochronismos condemnados, que elle não creou, nem defendeu, mas que conservou como um legado dos seculos que vão longe. Sobre esses anachronismos peza a civilização, que caminha; e a geração de hoje não pôde arredar os olhos desse facto, cuja luz se acostumou a vêr, e a cujo claro dirige os seus passos. (Muitos apoiados).

Ha no seio do nosso partido um ou outro espirito menos transigente, que quereria transportar o passado para o futuro! Tal absurdo, falleceria pelo poder do impossivel, se não estivesse morto pelo rachtismo d'essa visão ridicula.

No caminho dos progressos, no imperio da justiça, nos limites da moral e da ordem, todos os grupos são compatíveis para a unidade nacional, e esta é a aspiração mais gloriosa e mais patriótica do partido legitimista. Se as modernas sociedades, se o porvir, embora distante, tem de realizar o pensamento das grandes federações, como hão-de os partidos chamados avançados deixar de começar pela fusão dos grupos que dividem uma nação, e que retalham e enfraquecem a vitalidade, o espirito e a dignidade de um povo? Até esses partidos, coherentes com a sua doutrina, tem de applaudir a attitude do partido legitimista, de todo o ponto contraria aos retrocessos que lhe attribuem, embora nos não seja intencional, nem se concilie com os nossos principios, lisongear ou admitir, ainda hypotheticamente, tudo quanto não for a independencia e a pureza das nossas crenças religiosas e politicas. (Muitos apoiados.)

Para chegarmos ao nosso desideratum forçoso é não deixar adormecido o nosso dever.

Fatigado das luctas de uma guerra civil, o partido legitimista sentio que lhe faltavam as forças para novos commettimentos. Depois as armas, e quarenta e oito annos tem consumido em caminhar a passos lentos desde Evora Monte até Braga. Quem tem observado esta marcha vagarosa e lugubre, dirá que um grande prestio funebre vinha das margens do Guadiana sepultar a causa sancta nas margens do Minho.

Ao chegar porem á cidade heroica, á cidade fiel, não pôde respirar senão este ar puro das crenças e do patriotismo, que tem feito grandes e illustres os filhos da Augusta Braga. (Vozes: muito bem) Ao chogar a este baluarte da religião e da patria, o partido legitimista sentiu o fervor dos enthusiasmos, para nos seus reductos, e solta a voz vigorosa como um gigante que se ergue para combater. (muitos apoiados)

E attesta a todo o mundo que a longa marcha de meio seculo, por um caminho de abrochos e miserias, não lhe gastou o animo, nem lhe puo a consciencia. (Vozes, viva o partido legitimista!)

O Minho foi berço da monarchia portugueza; n'este mesmo berço vem renascer a a causa legitimista.

Digo renascer por que nenhuma outra coisa é sair da entranha apertada e restringida de uma inercia já caduca e nunca assaz abominavel. (Apoiados.)

Renasce para ser livre, renasce para ser grande, renasce para ser forte, renasce para as pugnas, renasce para as victorias. (Muitos apoiados.)

Para as victorias, sim, que n'este solo verdejam ainda os louros que se entreteceram em cordões para cingirem a cabeça de Antonio de Vasconcellos Leite Pereira, do Barão de Villa Pouca e do general Santa Martha, quando á frente dos destemidos granadeiros de Valença, dos valorosos milicianos de Braga e de Basto ensinaram ao liberal Conde de Villa Flôr e aos soldados da orgulhosa Inglaterra, como é que um punhado de portuguezes se nobilita na defeza do seu rei e da sua patria.

Se quereis medir o coração do partido legitimista do Minho, vede-o trasbordando de alegrias e d'amor ao receber dentro dos muros d'esta historica cidade no memoravel dia 1.º de Novembro de 1832 a familia real portugueza, e comparai-o na melancolia com que Braga, decorrido pouco mais de um anno, recebia aos gemidos da sua agonia 3:000 invasores liberaes, que entravam o vetusto arco da Porta Nova, como quem entra a bocca de um sepulchro.

Afastai das ruas a canalha, e perguntai aos fastos, como é porque uma cidade alegre, populosa, entusiastica, se transmuta em um ermo sinistro e medonho. (Vozes muito bem, muito bem.)

Senhores, quando o rei amado, o Sr. D. Miguel I veio confiar a sua familia e a sua corôa á lealdade e á defesa dos Bracarenses, dizia n'aquella grande alma no centro de todos os seus pensamentos e de todas as suas affeições: És tu o meu povo escolhido. Minho! Eu te vejo nos meus triumphos e nas minhas grandes dores; nas ovações dos meus guerreiros, nas tristezas do meu retiro. Tu, ó Braga, tu que eu vejo assentada n'essa alcáçofa de matizes vecejantes; tu que eu vejo grande na grandeza da tua fé; tu a sepultura de herôes, és o berço de seus filhos, a gloria da sua vida, a immortalidade do seu nome, a palma das suas provações! Eu te amo, ó Braga! eu te pago em amor o teu amor! Tu és a patria; tambem eu sou teu filho! (Bravos repetidos.)

Ah! senhores, aquelle grande rei, aquelle martyr do amor e da saudade, ao exalar na

terra ingrata do exilio o derradeiro suspiro, pôde ainda volver os olhos para nós, e o ecco do seu ultimo respiro retumbou no fundo dos nossos valles, no murmuro dos nossos rios, nas grutas de nossas montanhas, e a nossa lealdade parece escutar-lhe ainda: «povo fiel, eu te deixo o meu coração no coração de meu filho! (A assemblea ergue-se toda em ovações estridentes.)

O Minho responde áquelle gemido afirmando ao successor do seu rei amado que este povo ainda vive! (Muitos apoiados e palmas.)

Ao primeiro toque de assemblea, aqui vem a guarda avançada do grande corpo legitimista! (Os enthusiasmos e o delirio crescem de ponto.)

Vem para unir os dispersos, e para se retemperar no trabalho!

Cessenta annos viveu Portugal sob o dominio e tyrannia de Castella. A fama a honra portugueza não haviam ficado sepultas nos areaes de Alcacer Kibir. A grande nação de D. João I e de D. Manuel, era maior que a corôa de Philippe III; a sua corajem, a sua dedicacão, e o seu patriotismo, mais possantes e mais audazes do que as alçadas de Diogo Soares e de Miguel de Vasconcellos.

Seis portuguezes apenas, reunidos na iniciativa, como nós aqui nos achamos, em menos de uma mez de prodigiosa lida, multiplicaram-se em uma nação, e despedegaram os grilhões de 60 annos de captiveiro.

Mas porfiaram uniformes, unidos, arroçados, zelosos da sua liberdade e independencia, fieis á sua galhardia.

Filhos da mesma patria temos em nós o mesmo sangue. Um esforço d'abnegação pôde dar-nos uma victoria segura.

E' porém mister que estejamos preparados para ella. Sem isto, o perigo do futuro seria maior que as desgraças de hoje. (Apoiados.)

Nenhuma causa pode confiar nas eventualidades do acaso. O partido que tal concebesse, seria um partido de insensatos. (Vozes muito bem, muito bem.)

Luiz Philippe assentado bastardamente sobre o throno de Henrique V, via tranquillo moverem-se as turbas, agitadas nos banquetes pela voz de Lamartine.

O insigne tribuno apontando para o futuro exclamava «se não quereis acompanhar-me irei sózinho até ao sol, com a minha sombra atraz de mim.»

Lamartine sabia que a imitação sympathica, é a enfermidade nervosa das multidões.

A detonação da pistola de Lagrange fez baquear Guizot, e na queda do colosso estremeceu o throno de França, vacilou, cahio!

Sobre aquelles destorços assentou-se a revolução.

Meditou... quiz caminhar... porque não tinha norte nem bussula, estava perdida. O povo que tinha o instincto da sua regeneração, não tinha luz na consciencia. Fugiu-lhe o genio de Blanqui, de Raspail, de Barbés, e nos altares d'estes idolos depoz o pavilhão tricolor, para desenrolar em seu logar sobre os muros de Paris, o pavilhão vermelho.—

«Igualdade ou morte» foi o grito dos Epemenides do terror, e os archotes, que nem vontade, nem coração, nem idéas tinham, percorreram o seio da França como um facho de exterminio.

Um dia mais de desatinos, e o Canto da Marselheza, o Canto da Partida, o Canto dos Girondinos, tornaram-se um hymno monotonico e lugubre como um De profundis.

E contudo, Lamartine era o tenor da revolução. Ao attrito da sua voz fiseou um povo de argila. Lamartine havia-se inoculado do espirito de Marat, como se este bebesse a lava de um vulcão; mas esquecera que as cacophonias eloquentes de Odilon Barrot não eram um pensamento politico, nem o concerto de uma idéa, e ainda menos uma formula.

Assim esse improviso de metralha e de barricadas, esse impulso do povo francez foi transformado em uma hecatombe, que espantou e aterrou o mundo.

1640 foi portanto para Portugal, o que 1848 não pôde ser para a França. Os portuguezes miraram um fim glorioso, unidos em um plano largamente meditado, e venceram. A França rolou no dorso da onda de utopias dos apostulos da anarchia, e em vez de entrar na vereda propicia dos seus destinos, encontrou-se ao acaso nos labirintos da sua ruina.

A união e organização do partido legitimista é pois uma necessidade reclamada pelos frisantes exemplos da historia, e pelos sabios conselhos da prudencia (Muitos apoiados.) E' uma exigencia da nossa dignidade,

e uma garantia das nossas esperanças. (Muitos bravos e palmas.)

Para chegar ao fim, carecemos começar pelo principio, e este principio somos nós, reunidos aqui pelomesmo pensamento, pelas mesmas crenças e pelas mesmas aspirações. (Muitos apoiados.) Estamos unidos, e unidos iremos sosinhos até ao sol, se necessario fór, com a nossa sombra atraz de nós, se o resto do paiz não tiver nas arterias o sangue quente da lealdade para imitar os nossos esforços. (O orador é interrompido por entusiasticos bravos e aclamações.)

Portuguezes! Nobres filhos do Minho! Constituamos o Centro Legitimista d'esta fiel Provincia, e, assim unidos, estejamos prestes á voz de mando da direcção suprema do partido. Unir, disciplinar, multiplicar, fortalecer. Está n'isto o nosso triumpho. (Muitos apoiados e vivas ao partido legitimista.)

O lemma do nosso astandarte é o do labaro que condizio nossos paes á conquista da gloria que os nobilitou. Queremos do passado tudo quanto elle teve de bom e justo; queremos do presente quanto n'elle ha de aproveitavel, queremos do futuro a realisacão de uma esperança salvadora da nossa religião e da nossa patria: (Muitos apoiados.)

Em meio dos outros partidos temos por nós as leis do paiz, que garantem a nossa independencia politica e o nosso trabalho.

Por enquanto havemos medir as nossas forças, e refazel-as pela nossa união.

Por enquanto temos como unica arena as luctas eleitoraes, a imprensa, as escolas, e os templos. Ahi estaremos desenvolvendo a nossa acção livre e desassomburada. (Apoiados.)

É preciso que no seio da representação nacional o partido legitimista prove que não é um partido esteril e esterilizador. (Apoiados.) Urge que a sua voz se faça ouvir, quer collaborando nos actos de publica utilidade, quer nos seus protestos contra tudo quanto fór em prejuizo do paiz. (Apoiados.)

O partido legitimista carece de uma imprensa circumspecta, que faça a propaganda dos seus principios para obtermos adhesões, para atrahirmos legitimistas, e não para repulsar elementos alias meritorios; (muitos apoiados.)

As escolhas não menos exigem o nosso assidua attenção. Os partidos revolucionarios, ali e nos lupanares, tem envenenado a ultima geração. Fizeram-na impia, naturalista, grosseira, arrogante, devassa, sem amor de familia, sem amor de patria, egoista, dispartada. Contra esta educação oppo-nhamos a nossa educação no amor de Deus e da familia, no amor da patria e da humanidade, nos sentimentos nobres, que fizeram respeitado o nosso nome. A infancia é o germen do futuro; é no seu coração que temos de edificar a grande obra de amanhã. Já que não trabalhámos para nós, trabalhem para os nossos filhos. (Muitos apoiados.)

O templo! ah! o templo!

Como pôde o partido legitimista assistir indifferente ao lastimoso espectáculo que offerece a Igreja Portugueza? Como pôde o partido legitimista deixar o clero inoffensivo, abandonado aos furores da canalha desenfreada, sem o prestigio e sem a protecção que os governos liberaes lhe tem recusado?

Não é digno do partido legitimista deixar entregue á sua desventura uma classe que fiel ás preclaras tradições do povo portuguez, tem pacientemente suportado os ludibrios da epoca, sem uma dedicacão amiga que por dever lhe afaste de sobre as vestes venerandas a lama das ruas. (Muitos apoiados.)

Desde que o partido legitimista conserva nos seus braços, como escudo mais honroso, a Cruz do catholicismo, tem a missão impreterivel de ser a sentinella attenta da casa do Senhor. (Muitos apoiados.)

Os prelados nem tudo conhecem, nem tudo podem remediar, comprimidos como se acham em uma charpa de ferro, de conveniencias e de dependencias, impostas ao clero como um jugo humilhante. Carecem do nosso apoio, do apoio da nossa imprensa, para que os poderes publicos defendam os sacrarrios da nossa fé das affrontas dos salteadores do atheismo. (Apoiados repetidos.)

N'este paiz, onde os templos são invadidos pela petulancia de chapêo na cabeça, arrastada pela canalha de gravata; nos tempos em que a sagrada communhão chega já a ser um pretexto para se misturarem as sacrosantas particulas a um escarro nauseabundo, e cuspi-las na face do proprio Deus, todo o partido que se prese está no dever de se limpar da macula que tisa as nossas quinas aos olhos de todos os povos cultos.

(Muitos bravos e palmas interrompem o orador.)

Grande e pesada é a nossa missão, mas é maior a nossa vontade, e o nosso animo. (Muitos apoiados.)

Portuguezes de antes quebrar que torcer, symbols da honra, herôes da constancia e da lealdade!

Viva El-Rei o Senhor D. Miguel II!!

Gloria ao Minho!
(De todos os lados se corresponde a este viva. De todos os lados os brados e ovações ao orador retumbam na sala. Cada qual se acerca d'elle para o cumprimentar.)

O PRESENTE E O FUTURO

Os escandalos do sr. Fontes não cessam. O seu governo, fiel imitador do governo Cabralino, continua a arruinar o paiz, e todos são concordes que isto já não pôde entrar em bom caminho por meios ordinarios. Os successos de Meda e de outros pontos do paiz são a fiel prova do grande descontentamento nacional.

O facho levantado na Povoa de Lanhoso em março de 1846 foi ardendo e propagando-se por toda forma que o clarão da liberdade e fogo civico fez cair a tyrannia em maio do mesmo anno, e fugidos os traidores foram conspirar fóra do reino e empecer que a restauração dos direitos da nação fossem um facto consummado.

Se a padeira d'Aljubarrota foi a heroína que matou com a pá do seu forno sete castelhanos, estenuados do combate, a Maria da Fonte foi a mulher forte que fez levantar um reino e fugir os oppressores d'elle. A reacção que depois appareceu se oppoz a acção forte e valente do norte e do sul do reino, e o governo de Lisboa, o governo da rainha dominava só o terreno que pizavam as suas tropas, e nós corriamos ao campo da liberdade ao som do hymno do Minho, d'esse grito nacional, que já-mais sera riscado da historia.

Isto caminha para lá, Meda começou, o facho lavrará, a tyrannia regeneradora hade cair, como caiu a tyrannia cabralina, e não terão o Varvaez, Guizot, ou Palmstron que lhe venha acudir, os tempos são outros, a politica mudou, a influencia de Luiz Felipe ou da revolução de Julho foi-se para não voltar mais.

Os preconceitos vão passando, D. Miguel já não é um veneno odioso, D. Miguel II é respeitado, e está puro para com todos os partidos do paiz. E se o que está não se pode sustentar, é uma dynastia desprestigiada, tal monarchia é impossivel, e mais impossivel com a cohorte de devassos que a cercam.

Ora se tal monarchia é impossivel com taes instituições, a republica menos o é ainda, e a pesar de que taes idéas tem tido muito desenvolvimento a falta de chefes serios não lhe pede dar o poder, não tem base, elementos de governo, e, se por uma surpresa se apoderassem d'elle seria a desordem em acção que traria logo a reacção monarchica em todo o paiz, com toda a sua força, e essa reacção nunca podia ser para a monarchia da corte que arruinou o paiz.

Exploradores todos os partidos militantes desde 1834, a não ser n'um periodo curto em 1836 na revolução de setembro e governo de Passos; unico de espirito nacional, nos mais só o egoismo dominou, o interesse proprio, taes os cabralistas, os avilistas, e os regeneradores, todos da mesma escola, sendo certo que os progressistas peccaram mais por ambições que deram a desordem governativa, como causa de sua queda, descredito, e prova de não terem homens de governo.

Mas tem-nos a regeneração?

Tem pretenciosos ou estafados cheios de orgulho e de riqueza alguns, á custa do suor nacional; tem em si os conservadores cabralinos, os ordeiros avilistas, e toda a cohorte de foragidos, expulsos, ou impacientes de outros campos politicos, os homens das companhias privilegiadas, das acções beneficiarias, da companhia confiança, das obras publicas, das Lizirias, do credito predial e de tantas outras, que tem sido a ruina dos particulares, e do proprio credito publico.

Por iniciativa de agiotas se organisaram já com a mira na colheita feita nos campos da ignorancia e da simplicidade, e da boa fé. Tal a mais ruinosas de todas a Companhia do credito predial um Avila governava com o maior despotismo, fazendo d'ella seu verdadeiro campo de opoio politico, e

que hoje governa o sr. Fontes nas mesmas condições.

Ora quando um paiz tem homens d'estes no poder que se ha-de esperar? A ruina particular, que traz sempre a ruina publica, e é para que tudo isto caminha, mas elles, os triumphos, gozam, e depois morrem deixando fortunas collosaes, tal Avila e outros, tal será o actual presidente de conselho, amigo carissimo do sr. D. Luiz com o qual se intende muito bem.

Em quanto elles folgam, o paiz geme, o fisco devora, a nação decaé em consideração politica internacional. Esta é a verdade.

O banquete no anniversario natalicio do Senhor D. Miguel II.

Como são felizes os povos que teem fé, abnegação e coragem para esperarem com confiança pelo dia da sua redempção!

Que importa a elles o captivo, o ferro, o fogo o martyrio—: que importa ao peito aonde arde o facho da fé, (que nenhum poder humano pôde apagar), os patibulos e os cadafalsos, as masmorras e até a guilhotina, se ao longe já devisa o despontar da aurora do dia d'amanhã, que o ha-de salvar e redimir?!

Não, mil vezes não. A nada estremece. O caminhar é vida, e a fé é companheira inseparavel da esperanza.

O banquete do dia 19 para solemnizar o anniversario natalicio do Senhor D. Miguel II, veio animar mais a nossa esperanza e firmar a nossa fé inabalavel.

Dia de gloria, de entusiasmo e de alegria, salvê tres vezes salvê!

Como irrompestes risonho com teu manto d'ouro cravejado de scintilantes estrellas, espargindo doce orvalho sobre as mimosas flores dos nossos jardins, nas relvas dos nossos valles, nas florestas das nossas montanhas: como, as aves do ceo esvoaçando no espaço e poisando nas plantas dos nossos campos, nos bosques das nossas montanhas, hortas e pomares das nossas aldeas entoavam hymnos de louvor ao Senhor por haver perservado a vida do augusto representante da nação portugueza.

Tudo maravilhoso, tudo grande. Bemdigamos ao Senhor!

Façamos agora um pequeno esboço do banquete dado no Hotel do Parque, no Bom Jesus do Monte.

Depois do meio dia principiaram os convidados a seguir para o Bom Jesus, uns a pé, outros nos Americanos, e outros em carruagens.

Ali, á proporção que iam chegando visitavam o Sanctuario e davão graças a Deus, e, formando grupos, entrelinhão-se em conversa familiar esperando assim pelos demais convidados para aquelle solemnissimo banquete.

Era encantador aquelle quadro. Velhos venerando, moços gentis, lavradores negociantes, artistas e fidalgos todos ali juntos e unidos pelo mesmo sentimento e baseados na mesma fé.

Ao aproximar-se a hora de tomar cada um o seu lugar, no grande banquete o sr. Dr. Daniel José Fernandes da Silva, presidente da commissão districtal, foi em commissão com alguns seus amigos offerecer a presidência da meza ao nosso redactor principal, o ex.^{mo} sr. B. J. de Senna Freitas, que a aceitou depois de reiteradas instancias, agradecendo a s. ex.^a a grande honra que lhe acabava de ser conferida em dia de tão grande festividade para partido legitimista.

Eram 5 horas quando tomaram assento os convivas, tornando-se necessario formar mais duas mezas visto o n.^o exceder muito além d'aquelle com que se contava; pois, passavam de 120.

A redacção do *Commercio do Minho* era ali representada pelo ex.^{mo} sr. Dr. Custodio Velloso e João Azevedo.

No adiantado do banquete appareceu o ex.^{mo} sr. Almeida Eça, de Famalicão, acompanhado do seu joven e sympathico filho e de outro cavalheiro, produzindo a presença de ss. ex.^{as} a maior alegria e satisfação, dignando-se com a sua presença honrar a nossa festividade.

As 7 horas e meia o ex.^o presidente, B. J. de Senna Freitas, levantando-se, pronunciou algumas palavras cheias de fogo e entusiasmo que se lhe viam sair da alma, e brindou a S. Magestade El-Rei o Senhor D. Miguel II, sendo correspondido o seu brinde por uma descarga cerrada de vozes que perompiam do coração de todos os convivas. Era porque, este viva fora levantado por um descendente do immortal Martim de Freitas, caracter nobilissimo—que honrou o nome portuguez, e que a historia regista com gloria. Seguiram-se depois varios brindes

sendo entre elles a Leão XIII—pelo sr. Rodrigues Braga—a Henrique V—Carlos VII—por D. Francisco Beltrão—a D. Afonso de Bourbon e á heroina portugueza a sr.^a D. Maria das Neves, á imprensa legitimista ao orgão do mesmo partido a *Nação*, e aos artistas bracarenses pelo nosso redactor o sr. Senna Freitas.

O ex.^o sr. Dr. Custodio Velloso fez tambem um entusiastico discurso, e brindou o decano da imprensa legitimista o ex.^o sr. D. Jorge Eugenio de Locio, a familia real proscripta, e ao filho primogenito do Senhor D. Miguel II; não nos recordando agora os nomes dos outros cavalheiros que fizeram mais brindes.

Tambem foi brindado o ex.^o sr. Dr. Daniel na qualidade de presidente da commissão districtal e todos os mais cavalheiros de que a mesma se compõe.

Era um delirio de entusiasmo. Seriam 8 horas quando o ex.^o presidente propoz aos convivas a idéa de se enviar um telegramma aos legitimistas de Lisboa, que n'aquella hora se achavão reunidos no Hotel Bragança, solemnizando o anniversario do nosso Augusto principe e Senhor, communicando-lhes o nosso entusiasmo e saudando-os pelo mesmo motivo.

Este telegramma embora fosse remetido do Bom Jesus aquella hora, foi só expedido para Lisboa proximo da meia noite, por culpa da pessoa encarregada de o levar á estação telegrapho-postal—e era assignado pelos ex.^{os} sr. Dr. Daniel, Senna Freitas e Dr. Custodio Velloso.

O grande jornalista catholico e legitimista que presidiu ao banquete, Senna Freitas, pronunciou um eloquente e substancioso discurso que foi escutado com admiração, por todos. As suas palavras irrompiam-lhe da alma, e a cada passo era interrompido com salvas de palmas e applausos geraes.

Nada mais diremos d'este formoso e eloquente discurso que a todos prendeu e entusiasmou. No logar competente do nosso jornal vae publicado na sua integra: recomendamos a sua leitura.

Depois, foi lida uma mensagem redigida por s. ex.^a, para ser enviada ao Senhor D. Miguel—a qual, sendo aprovada por unanimidade, e assignada por todos os presentes, concordaram que fosse remetida pela commissão districtal ao centro legitimista de Lisboa—para d'ali seguir ao seu destino. Sua ex.^a pediu para que não dormisse o somno eterno nas aguas do Tejo.

Em seguida, pediu venia ao ex.^o sr. presidente da commissão districtal para propôr aquella selecta reunião a creação n'esta cidade de um gremio legitimista, cuja idéa já se havia publicado em um artigo do nosso jornal no n.^o transacto, afim de ficar assignalado no coração do povo do Minho o 29.^o anniversario do Senhor D. Miguel II.

O sr. Manoel Ignacio da Silva Braga propoz para que todos comparecessem ao outro dia na casa da ex.^a sr.^a D. Maria Clara Dias da Costa, para ali se desenvolver e pôr em pratica o pensamento do ex.^o sr. Senna Freitas; creando-se o gremio legitimista, o que foi por todos aprovada com os maiores signaes de regosijo e entusiasmo.

Em meio do banquete, o sr. Senna Freitas recebeu um mimosissimo bouquet adornado com um grande laço de setim com as côres do antigo laço nacional. Este bouquet foi ali levado por uma distincta dama do partido legitimista, e ia acompanhado da seguinte inscripção:

«Ao redactor do jornal a *Cruz e a Espada*. Uma commissão das damas legitimistas de Braga.»

S. ex.^a fez sciencia ao banquete, e agradeceu commovido.

Quando estava tudo concluido surpreendeu-nos um mancebo, que havia tomado parte na festividade, de bom nascimento, bastante illustração e talento, pedindo licença para fazer a sua profissão de fé e adhesão ao partido legitimista, lendo cheio de fé, o nosso artigo commemorativo do anniversario natalicio do Senhor D. Miguel, que o resolveu a dar aquelle honroso passo. As suas palavras sahiram-lhe da alma, e o seu coração era quem fallava.

Honra seja a tão illustre mancebo. Assim terminou esta grande festividade para nós nunca mais esquecida, porque nos ficou gravada no coração.

J. Torres.

RELIGIÃO

A INSTRUÇÃO SEM DEUS

III

Fizemos ver nos dois artigos precedentes,

apoiado em auctoridades fóra de toda excepção, e baseado em factos incontrovertíveis, que a instrução sem Deus é um tremendo flagello social; ella serve só para preparar petroleiros á patria e carrascos á familia.

O assumpto é momentoso, e valle bem a pena de se explanar com certa extensão. Continuaremos pois a esclarecer os paes que careçam do auxilio das nossas escassas luzes e da experiencia adquirida no exercicio de vinte e oito annos de magisterio. Esta experiencia nos tem mostrado que, quanto mais zelosa for a educação da creança, e quanto mais religiosa for a instrução que se lhe ministre, mais rapidos e seguros serão os seus progressos, e mais exemplar será o seu comportamento.

E a este proposito daremos um exemplo recente. O anno passado foi entregue aos cuidados do director de um estabelecimento d' ensino do Porto um menino brasileiro, cujo pae se achava auzente. Estudava instrução primaria. A sua educação religiosa era nulla; o menino era mandrião, desattento e bulhento. O director instruiu-o no principal da nossa religião, e fez com que frequentasse o sacramento da penitencia; a transformação foi completa: o adiantamento foi pasmoso e o procedimento irreprehensivel; e uma distincção no exame prouvo que os fructos da educação e instrução religiosa foram saões e perfectos.

Começou o menino a estudar o primeiro anno do curso dos lyceus, quando chegou o pae. Soube este das praticas piedosas seguidas pelo filho, e—triste é dizel-o!—ridicularisou-as e prohibiu-as. Que resultou d'aqui? A antiga mandriice, desattenção e espirito inquieto do estudante, juntaram-se outros vicios da peor especie; e, não obstante os esforços dos seus professores (um dos quaes foi quem isto escreve), foi desgraçada a sua frequencia, e, á primeira prova do exame a que persistiu em submeter-se apesar dos conselhos em contrario, foi reprovado.

Quando no senado francez se discutia a lei athéa sobre o ensino primario, M. Jules Simon, velho republicano e velho professor sustentando uma emenda para que os mestres ensinassem aos discipulos os seus deveres para com Deus, pronunciou um discurso que sentimos não caiba nos limites d'um artigo, mas do qual trasladamos os notaveis periodos seguintes:

«Neste nome (*o nome de Deus*) viamos nós uma fonte de coragem, não só para nós, mas para os pobres e os desherdados.

«Se lhes ensinardes semente arithmetica, não será para elles durissima a vida? Onde encontrarão um pouco de consolação, um pouco de poesia?

«Quando o soldado avança sob a metralha, credes que não seja para elle uma grande força o pensar que Deus o vê e que Deus o ajuda? E quando brada: «Avante! por Deus e pela patria», diz uma coisa de que ninguém tem direito de escarnecer.

«Não o esqueçamos: esta creença em Deus é que gera os sacrificios, ella é que faz os heroes, e nunca se invocará entre os homens sem excitar sympathia e respeito.»

Isto é incontestavel, assim como o é o que no principio d'este artigo dissemos, que o ensino sem Deus só prepara petroleiros e carrascos. Nessa mesma França que promulgou o ensino atheu, não ha dia em que as folhas publicas não mencionem os progressos assustadores que fazem no mal os discipulos de tal ensino. O proprio *Diario official* o confessa; pois affirma, e com elle a estatistica, que os maiores e mais numerosos crimes teem sido, nos ultimos annos, commettidos pela juventude.

Hoje é um rapaz de quatorze annos, que precipitando-se sobre outro de sete, lhe deita no corpo petroleo e lhe põe fogo; hontem era um joven da mesma idade que, reprehendido n'uma rua por um acto immoral, persegue o transeunte que o reprehendeu e, correndo a traz d'elle como um tigre, lhe crava a folha d'uma navalha nos rins; outro dia era um mancebo de dezenove annos, que armava successivamente as mãos paricidas d'uma espingarda e d'um punhal, para immolar tres victimas: seu pae, sua mãe e sua avó...

Mas—dirão—que importa que na escola se não dê instrução religiosa, dando-se na educação domestica?—Que imposta! Então será sufficiente que a creança receba na familia educação religiosa, quando esta vae ser posta de parte, annullada, combatida e ridicularizada na escola, no collegio, no lyceu, na universidade? Ainda a este respeito faremos uma citação do já mencionado discurso de M. Jules Simon:

«O que me assusta, é o contagio moral. Muitas vezes apparece uma pustula n'um corpo saõ; desenvolve-se e converte-se na

molestia e na morte. O mesmo succede na ordem moral.

«Apparecem algumas doutrinas perversas; são a principio desprezadas e rejeitadas; mas se persistem, alastra-se a noção. Essas doutrinas começam a receber alguns applausos que excitam a cobiça dos que gostam de ser louvados.

«Em breve a seita se torna escola, e depois constitue um partido, e o contagio estende-se com uma rapidez aterradora.»

São axiomaticas estas verdades; mas se necessitassem de provas, encontrar-se-iam estas em todos os tempos e em todas as partes. A peste é contagiosa, e o mal é a peor das pestes que assolam o mundo. Será um milagre palpavel, que o joven que sahia da familia piedoso e morigerado, não volte a ella incredulo e corrompido, se passou pela escola sem Deus.

A moral, ao mesmo tempo que a piedade, tem no gremio catholico o seu mais forte baluarte. A historia da Igreja não é realmente senão a historia do verdadeiro ensino e da verdadeira civilização, em tanto que a historia da impiedade não é senão a das trevas, do embrutecimento e da barbaria.

S. Vicente de Paulo, fundador dos collegios d'orphãos, e o veneravel La Salle, fundador das escolas christãs, sacrificam-se para instruir os pobres e os filhos do povo; Voltaire e Rousseau, paes da revolução impia, escarnecem do povo e da sua instrução.

Ouçamos o primeiro escrevendo a lá Chatolais: «Agradeço-vos o proscreverdes a instrução entre o povo. Quero operarios e não professores. Enviae-me sobretudo Irmãos das escolas para guiarem os meus arados e os jungirem.» Havia dicto estas palavras bem conhecidas: «Não se deve instruir o povo tolo e barbaro; não lhe é necessario, como ao boi, senão feno e uma aguilhada.»

Rousseau, filho de Satanás como Voltaire, falla como elle: «O pobre—diz no seu *Emilio*, liv. I—não precisa de educação.» E acrescentava n'outro logar: «O povo não merece ser instruido.»

Sem embargo, erigem-se estatuas a estes fundadores da idéa nova, a estes paes do progresso das luzes, e calumnia-se a Igreja catholica!...

Ora, no meio dos perigos da actualidade, conhecem todos os paes os seus deveres na educação e instrução dos filhos, e cumprim-nos como devem? Procuraremos investigar o no artigo seguinte.

A. Moreira Bello.

CORRESPONDENCIA

Villa Verde, 21 de setembro de 1882

(Do nosso correspondente)

Villa Verde, com bem subida justiça, de ha muito devera ter sabido da mortalgia da indiferença, para appellar com o devido respeito, para o tribunal da opinião publica. Foi mister que a avassalasse todos os escandalos, que a degradassem todos os prostibulos, que a aviltassem todas as miserias, que a roessem todos os ratos indistinctamente, para o esqueleto da Verde Villa se erguer na fossa aberta, e bradar:—Respeitem-me os ossos!

C'est trop tard!—Responde ao brado d'angustia o cynismo de cada salafario. E o echo d'esta frase, repercutindo-se em todas as repartições, e estalado vilamente nas amarellecidas dentuças de cada roedor, quasi faria trepidar o mais denodado propugnador da moralidade, senão esmorecer o mais valente campeão da justiça e do bem.

Felizmente que em todos os reductos da imprensa Bracarense se generalizou o combate, e o tiroto é vivo, e a retroga ardente, sobre os vampiros sequiosos aferrados a cada musculo d'este infeliz concelho.

A elles! sem treguas, sem dó nem piedade.

A elles! que da nossa parte está o applauso geral; está o chefe de cada familia honesta, horrorisado pelo exemplo da immoralidade; está todo o cidadão, que trabalhou para ter dois terços, d'onde sustentar a velhice, e que se horripila ao vêr o caminho ladeiro onde se sorverão fortunas; está todo o ente, que presa a vida e a bolsa, ao vêr crescer bandidos que, em dois momentos mais, o assaltarão á luz do sol, em pleno povoado, para lh'arrancarem uma e outra!

E elles! cada um como poder, com cada movimento isolado, com todas as forças juntas.

A elles! que é momentosa e urgente a necessidade de os moralisar de prompto, ou de os aniquillar para sempre!

Après nous le déluge!—Mas a immoralidade ha de cahir ás punhaladas do ridiculo e do assoalho, porque a immoralidade é o foco da desordem, e a engrenagem onde cada villão deixa todos os respeitos da familia, e todos os deveres da sociedade.

Não me cançarei de bater este cancro social em todas as suas guaridas, em todos os antros onde se acointe, em todo o peito degenerado onde se aninhe; porque a immoralidade de meia dúzia d'homens, que deveriam exemplificar, tem degradado este povo á ultima abjecção.

E o povo de Villa Verde, na sua indole laboriosa, e nas suas crenças de verdadeiro christão, não é a peste a que se retrahem os povos limitrofes, senão, no seu conjunto, o povo que, á voz dos seus parochos, se lançou, aos bandos de milhares, aos pés da Virgem do Sameiro.

Administrem-n'o homens que não ponham o seu talento em almoeda de miserias, e restrinjam os empregados publicos as suas ambições á medida da justa interpretação das leis, que este povo abatido pela desgraça corresponderá á isenção e á generosidade com o amor dos seus corações.

Y.

Despedida

Bernardino José de Senna Freitas, não podendo, pela curteza do tempo que se demorou n'esta cidade, corresponder ás muitas e delicadas visitas de cumprimento e amizade que teve a honra de receber, pede por este meio que lhe seja relevada a sua falta, e que lhe sejam recebidas as expressões do seu mais vivo reconhecimento.

NOTICIARIO

Peregrinação.—Os ordenandos que teem estado em exercicios no Seminario dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, foram hontem em peregrinação á SS. Virgem do Sameiro, tendo em antes assistido a uma missa e recebido a communhão no templo do Bom Jesus do Monte.

Aproximavam-se a 100.

O anniversario do natalicio do Senhor D. Miguel de Bragança.—Tanto em Lisboa como no Algarve, Braga e outros pontos do reino estiveram imponentes os banquetes legitimistas para solemnizar o 29.º anniversario do Senhor D. Miguel de Bragança.

No numero seguinte transcreveremos dos nossos collegas legitimistas a descripção das festas.

Em Lisboa fallaram os Snrs. Drs. Pinto Coelho, Teixeira Duarte, Seabra, Bruski e outros.—Os nossos parabens.

A'vante rapasiada, o representante da monarchia portugueza tambem é um joven na flor da vida. Queremos progresso, mas catholico e legitimista, e não de petrolio nem de saco, como nol-o querem impingir os taes heróes de 1834.

Missa.—Foi muito concorrida a que a redacção do *Commercio do Minho* mandou celebrar em acção de graças ao Todo Poderoso, na igreja do hospital de S. João Marcos, no dia do anniversario natalicio do Senhor D. Miguel de Bragança.

Ao «Constituinte».—O nosso collega do *Constituinte*, a proposito do artigo principal do nosso numero commemorativo de 19 do corrente, honra-nos com as expanções da sua musa alegre. Folgamos de haver despertado um momento de jovialidade ao collega, em um dia em que, como é natavel, o collega estava de nariz cahido.

Tanto espirito ha no artigo do collega que espirra n'elle a semsaboria. Pela nossa parte, limitamo-nos ao cortex *Dominus tecum*.

Parabens.—Damol-os ao nosso estimavel amigo o exm.º snr. José Fermio da Costa Freitas, pelo bom e feliz successo de sua extremosa esposa a exm.ª snr.ª D. Leonarda Branca Machado, dando á luz um formosissimo menino no dia em que o Senhor D. Miguel de Bragança completava 29 annos, e porisso tambem saudamos a mãe e o recém-nascido filho pelo feliz dia do seu nascimento.

Recebam pois, os nossos parabens em duplicado, que são sinceros e do coração.

Semanario dos Filhos de Maria.—Este nosso collega do Porto, um dos melhores jornaes catholicos do reino, vae desaparecer do campo de combate, por falta de

protecção do espirito catholico! E' uma vergonha que se deixe acabar um jornal que tantos serviços tem prestado á religião catholica, por falta de subsidio ou protecção d'aquelles a quem occorria o dever sagrado de proteger por todos os meios a imprensa que defende as nossas crenças, expondo-se a todas as vaias e insultos da imprensa impia, que tantos estragos tem feito na sociedade, e a quem se pôde attribuir os grandes males que alligem hoje a Igreja de Deus.

Para que quereis o dinheiro catholicos? Aonde está a vossa fé?!... Não vedes como a impiedade o atheismo protege essa imprensa devassa e corrupta, que envenena, assassina e apesta a sociedade?!...

Ah!... Tão debil é a vossa fé. Não merece o nome de pae aquelle que deixa morrer o filho á mingua de meios...

Nós tambem estamos metidos n'ellas, mas descancem, que só largaremos o campo da imprensa, no momento dado em que a debilidade nos deixe cair a penna da mão, e a ultima camisa só sirva para torcidas de candeia. E' esta a nossa fé, e é este o nosso proposito. Ou vencer ou morrer.

Fallecimento.—Acaba de finar-se o sr. dr. Nobrega, que foi encommendado na freguezia de Arnozo.

O seu funeral teve logar na quinta feira. Era um sacerdote illustrado e de excellente comportamento.

Paz á sua alma.

Morte e pancadaria.—Em Guimarães, uns rapazolas, que se divertiam com uma tocata no sabbado á noite em uma esfolhada—arrufaram-se com outros na rua das Hortas quando já recolhiam, havendo grande pancadaria e ficando em perigo de vida um dos tocadores, que falleceu ao outro dia.

Collegio de S. Bento.—No dia 8 do proximo mez de outubro, é a inauguração das aulas d'este importantissimo collegio, de que é director o sr. Bento Desiderio Peixoto Querido.

Recommendamos aos paes de familia este novo estabelecimento de educação que esperamos colherá os fructos de que é merecedor o seu digno director.

No lugar competente vae o respectivo annuncio para a inauguração das aulas.

Lucto.—O nosso amigo, o Revm.º Manoel Ferreira Marnoco e Souza, e seus extremos irmãos estão de lucto pela perda irreparavel de seu bom e chorado pae, que Deus nosso Senhor chamou á sua presença. Mas, quem conheceu o finado, aquella alma pura e cheia de virtudes, como nós o conhecemos, só saberá dar graças ao Senhor por haver chamado para a sua Divina presença a alma do justo que havia peregrinado sobre a terra todas as faltas a que a humanidade está sujeita.

Será esta a unica consolação para os nossos dedicadissimos amigos pela falta de seu chorado pae.

Os nossos sinceros sentimentos.

Collegio Academico.—Acha-se aberta a matricula d'este acreditado Collegio, cujo nome já á muito se acha firmados pelo bom desenvolvimento dos seus alumnos.

Recommendamol-o aos paes de familia. No lugar competente vae o annuncio da matricula.

Asylo de S. José.—Não passou desaperecebido aos pobres asylados o dia 19 do corrente. O nosso amigo e correligionario Candido Augusto Martins Pinheiro, director do mez do mesmo asylo; para solemnizar o anniversario natalicio do Senhor D. Miguel de Bragança, mandou distribuir por estes infelizes uma frigideira e aproximadamente um quartilho de vinho a cada um.

Acções d'estas inobrecem as pessoas que as praticam.

Em nome dos asylados agradecemos a este cavalheiro.

ANNUNCIOS

Precisa-se de um rapaz que saiba lér e escrever de 12 a 14 annos.

Pode-se dirigir a esta Redacção qualquer pertendente.

Está aberta a matricula para os alumnos que pretenderem cursar as aulas abaixo mencionadas, no Collegio Academico de Nossa

Senhora de Guadalupe, no proximo anno lectivo.

O corpo docente é o seguinte:

Instrucção primaria—Dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro, tendo por auxiliares dous ajudantes.

Lingua franceza:—João José Alves d'Araujo.

Desenho:—Antonio Celestino da Silva. **Arithmetica, geometria plana, etc.**:—O tenente Zeferino Moraes e Motta.

Lingua portugueza:—Dr. Antonio Maria Pinheiro Ferro.

Lingua latina e latinidade:—Dr. João Manoel Corrêa.

Elementos de physica chimica e historia natural:—Dr. Antonio Casimiro da Cruz Teixeira.

Algebra, geometria e trigonometria:—O alferes Eduardo Silva.

Philosophia—Geographia e historia:—Dr. Manoel Messias Mendes Fragoso.

O director d'este estabelecimento continúa a envidar todas os esforços para que os seus collegias tenham o maior aproveitamento litterario a par d'uma sã educação moral, civil e religiosa.

Braga 22 de setembro de 1882.

O director—João José Alves d'Araujo. (71)

COLLEGIO DE S. BENTO BRAGA

Este estabelecimento de educação e instrucção, inaugurado em 9 de Julho ultimo, principia a funcionar no proximo mez de outubro, nas condições que reclamam casas d'esta natureza.

Admittem-se alumnos internos, semi-externos e externos, de harmonia com os respectivos regulamentos.

A inauguração das aulas effectuar-se-ha no dia 8 de Outubro. O corpo docente é esliho.

A situação do collegio, collocado n'um dos pontos mais centraes da cidade e n'uma casa com todas as condições exigidas para estes estabelecimentos, torna-o summamente recommondavel por que offerece aos seus alumnos todas as garantias que requer uma casa de educação e instrucção.

Para esclarecimentos e programmas dirigir-se ao director.

Bento Esiderio Peixoto Querido. (72)

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

ACABA DE SAHIR Á LUZ: Meditações para todos os dias do anno POR M. HAMON

Traduzidas da terceira edição franceza por Francisco Luiz da Seabra

Acaba de sahir á luz esta excellente obra que, publicada, ha poucos annos, em Franca conta já tres edições. E', para assim dizer um jardim de flores, cujo perfume o clero e os fieis, para cujo uso é destinada, podem aspirar com delicias. O author, compondo-a propoz-se ajudar as almas christãs a conhecer melhor Deus com as suas infinitas perfeições e os seus adoraveis mysterios para melhor o amar e servir, a conhecer-se melhor a ellas mesmas com os seus defeitos e deveres para melhor se corrigirem e progredirem nas virtudes. N'este seculo frivolo e leviano, em que cada um se occupa sómente nos factos eteriores, ha muito poucas almas, que reflectam seriamente n'estes grandes e santos assumptos, muito poucas

que meditem cada manhã com cuidado quando Deus merece ser amado e servido, como servirão no dia presente, e o que farão para sua propria salvação ou sua santificação. Como remedio a este mal, o author julgou util facilitar ás almas de boa vontade o exercicio tão importante da oração, pondo-lhes nas mãos, não uma obra litteraria, que se dirige ao seu espirito, mas um curso de meditações, que se dirija ao seu coração, para ser lido pausada e a attentamente, com uma alma relectida, afim de entrar em si mesma e de se converter a uma melhor vida.

A obra constará de seis vollumes portateis. Preço de cada volume, 400 reis.—ERNES-TO CHARDRON, Editor—Porto.

A VISO

Os gerentes da nova caza penhorista Bracarense, sita na rua dos sapateiros, n.º 9, previne os snrs. mutuarios, que tenham penhores nesta caza, e estejam em debito de mais de tres mezes, para que os venham resgatar ou pagar seus juros, isto até ao dia 15 do proximo mez de setembro; do contrario serão considerados em abandono, e vendidos a quem mais dêr. (63)

Photographia Bracarense

RUA DA B'A-VISTA N.º 34

Tiram-se retratos com toda a perfeição, em diferentes gostos e tamanhos.

HOTEL LUZO BRAZILEIRO PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO Proximo ao Passeio Publico BRAGA

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.ªs Snrs. Hospedes, as commodidades precisas tanto em acoio como em limpeza, por preços muito rasoaveis. O PROPRIETARIO, Almeida Moya.

Francisco Martins da Silva Araujo, da rua da Cruz de Pedra, d'esta cidade, faz publico para todos os effeitos legais, que seu irmão José Maria Martins da Silva, se acha á muito tempo no deploravel estado de demencia, e por isso inhibido de poder encarregar-se de qualquer venda de objectos ou de outro qualquer negocio—pelo que, desde já declara, em vista do estado em que se acha, que senão responsabiliza por cousa alguma respeitante a quaes quer objectos para vender, empenhar, ou de que for encarregado por qualquer forma.

E para que ninguem allegue ignorancia de futuro faz o presente annuncio, retirando por esta forma de si toda e qualquer responsabilidade.

Braga, 29 de agosto 1882.

Francisco Martins da Silva Araujo.

THEOLOGIA FUNDAMENTAL PRELECCÕES POR MANOEL DE ALBUQUERQUE

Bacharel formado em Theologia, professor de Theologia no seminario conciliar de Braga Desembargador da Relação Primacial da mesma cidade e promotor do Juizo Apostolico.

Vende-se em Braga—*Livraria Popular*—de A. Telles de Menezes—rua de S. Marcos, n.º 2;

Porto—*Livraria Religiosa Scientifica*—da J. J. de Mesquita Pimentel—rua de D. Pedro, 53;

Coimbra—*Livraria Academica*—de J. Melchiades—rua da Calçada.

Lisboa—*Livraria*—de Joaquim Antonio Pacheco—Praça de D. Pedro.

Guimarães—*Livraria Editora*—de Teixeira de Freitas.

Preço... 1:200 reis.

Typographia Lealdade—Rua de Jano N.º 1